

Bolsonarismo e o angustiante passado que não passa*Bolsonarism and the distressing past that will not pass*Audi Roberto Rodrigues,¹ UEPB**Resumo**

O presente ensaio teve como objetivo abordar questões relacionadas à extrema-direita nacional, compreendendo sua organização e articulação a partir de suas raízes históricas e dos elementos que a mobilizam. Retornamos ao passado para colher dele pistas que, de alguma forma, contribuam para explicar as nuances do nosso passado autoritário e como ele reverbera no presente. O diálogo com a psicanálise foi fundamental nesse processo. Autores como Freud (1930) e Bauman (1998) foram de suma importância para a pesquisa, além de historiadores do tempo presente, como Adilson Filho (2021) e Marcos Napolitano (2015), que proporcionaram uma leitura apurada sobre o nosso passado. O texto percorre a nossa história a fim de buscar respostas para os questionamentos que tanto nos afligem no presente, tais como as continuidades e permanências desse passado autoritário e angustiante que insiste em não passar.

Palavras -Chave: Passado; bolsonarismo; angustia.

Abstract

This text aims to discuss the history of the phenomenon of the Brazilian far right. Understanding its organization and articulation based on its historical roots and its mobilizing elements. We went back in time to gather from it the remains and traces that somehow explain the world we live in. The dialogue with psychoanalysis was fundamental in this process. Authors such as Freud (1930) and Bauman (1998) were of utmost importance for the research, in addition to historians of the present time such as Adilson Filho (2021) and Marcos Napolitano (2015) who provided us with an accurate reading of our past. The text takes a journey through our history in order to answer the questions that so distress us in the present.

Keywords: Past; Bolsonarism; Anguish.

Introdução

No romance surrealista do autor brasileiro José J. Veiga, “*Sombra de Reis Barbudos*”, publicado nos anos 1970, a população de uma pequena cidade é surpreendida por grandes mudanças e transformações a partir da chegada de uma companhia. Essa empresa passa a controlar o cotidiano dos moradores, construindo muros físicos e criando leis, decretos, regras e procedimentos que, paulatinamente, vão cerceando as liberdades individuais e enfraquecendo os laços afetivos e subjetivos dos cidadãos.² Enclausurados, surgem restrições,

¹ Graduado em história pela universidade estadual da Paraíba. Pesquisador do núcleo de história e linguagem contemporânea (UEPB).

² O livro metaforiza de forma brilhante a sociedade brasileira na época com o estreitamento da Ditadura Militar com o AI5, mas pode ter reflexos que se assemelham os nossos tempos atuais.

bem como o medo, a privação, a opressão e a angústia.³ O livro, claramente, é uma distopia sobre como uma sociedade vai normalizando a perda de sua liberdade e passa a viver sob o signo da repressão e da constante vigilância — algo muito comum em regimes totalitários. Dentro da companhia, existem trabalhadores encarregados de vigiar e punir aqueles que, de algum modo, sejam considerados “subversivos” à ordem estabelecida ou que, porventura, descumpram as leis implementadas pela empresa. Mas será que esse romance surrealista não está investido e atravessado por uma realidade que recai sobre nós, cidadãos do século XXI?

A extrema-direita na contemporaneidade, sob o regime de suas mais diversas faces e representações — como é o caso do bolsonarismo no Brasil, de Milei na Argentina, de Trump nos Estados Unidos, de Orbán na Hungria e da AfD na Alemanha — não constitui, afinal, um conjunto de programas que, a todo momento, buscam limitar — ou até mesmo eliminar — nossas liberdades e conquistas civilizatórias obtidas após a Segunda Guerra Mundial?⁴ Nossa sociedade, sobretudo após a crise do neoliberalismo em 2008, não vem sendo, nos últimos anos, cada vez mais pacífica e conivente com projetos políticos que são abertamente contrários às liberdades individuais e à própria democracia burguesa? Não seria justamente por termos normalizados os discursos autoritários e preconceituosos — muitas vezes camuflados sob a retórica de uma suposta “liberdade de expressão” — que Bolsonaro e outras lideranças com perfil ideológico semelhante vêm ganhando capilaridade e solidez política?

Em nosso entendimento, o fenômeno do bolsonarismo pode ser considerado, como defende João César de Castro Rocha (2022), transnacional. Ou seja, integra um contexto mais amplo de ascensão e articulação desses grupos que, ao fim e ao cabo, visam aprofundar a desigualdade e a intolerância em escala global. Cada qual com suas particularidades, com suas cores, signos e símbolos. Mas, em geral, essas forças “fantasmagóricas” assumem características e táticas semelhantes, que se retroalimentam — especialmente o uso massivo das redes sociais como principal meio de divulgação e propagação das ideias desses movimentos. Como bem aponta Giuliano da Empoli em “*Os Engenheiros do Caos*” (2019), trata-se de uma estratégia cuidadosamente planejada de manipulação das emoções e da informação, que vem redefinindo o jogo político contemporâneo em todo mundo.

Nosso texto pretende traçar um panorama de como se articula o caso brasileiro, representado pelo bolsonarismo. Buscamos demonstrar como esse grupo faz parte da historicidade do país, estando imerso em nossa história e em nossas contradições. Um

³ Ler: As origens do totalitarismo (1951) da Filosofa alemã Hanna Arendt, no qual ela discute as formas que se organizaram os regimes totalitários do século XX. Sobretudo o nazismo de Hitler e a União Soviética de Stalin

⁴ Segunda Guerra Mundial (1939-1945) evento catastrófico que segundo historiadores vitimou em todo mundo cerca de 60 milhões de pessoas, sendo 6 milhões de judeus e deixou marcas profundas em nossa sociedade.

exemplo disso são os simulacros com o maior movimento fascista da nossa história: o integralismo de Plínio Salgado. Além disso, analisaremos os elementos mobilizadores — os medos e as angústias — que fazem com que parcelas da população se alinhem a tais grupos, tanto no passado mais distante quanto nos dias atuais. No caso brasileiro, a “paranoia” anticomunista e a Doutrina de Segurança Nacional foram transformadas em uma poderosa máquina de angariar apoio à extrema-direita desde o século passado, desempenhando um papel fundamental na formação de movimentos como o liderado por Jair Bolsonaro. Em comparação com os fenômenos europeus e norte-americano, o discurso contra imigrantes seria o elemento mobilizador que levou as massas a apoiarem tais programas. Embora não nos aprofundemos nesses casos, citaremos como esses grupos, em certa medida, compartilham um objetivo comum: o ódio à democracia e o ataque às instituições que buscam conter os avanços desses extremismos.

Portanto, buscaremos enfatizar as características desse extremismo, que vão desde o ódio ao pobre, ao nordestino e ao negro — expressões de um racismo estruturado como projeto de país, como nos aponta Jessé Souza (2024) — até os efeitos da própria crise do neoliberalismo, que aprofundou as desigualdades em praticamente todo o mundo. Questões de ordem psíquica também nos ajudarão a compreender o que está por trás das mentes, desejos e afetos da massa bolsonarista. Por entendermos que se trata de um fenômeno complexo, fruto de nossas contradições modernas, torna-se necessário recorrer a outras áreas do conhecimento, como a psicanálise, para alcançar os objetivos aqui propostos (Adilson Filho, 2020). Por fim, destacamos o papel fundamental que partidos e figuras de tradição golpista desempenham na conjuntura atual. Eles parecem estar sempre se atualizando e se reorganizando como forças fantasmagóricas que assombram nossa democracia desde sempre.

A paranoia bolsonarista

Para Freud, existem três estruturas clínicas fundamentais.⁵ A neurose, a psicose e a perversão. Dentro de cada uma delas, há diferentes tipos clínicos, que seriam subdivididos da seguinte maneira: na neurose encontramos a neurose histérica, obsessiva e a fóbica. Na psicose, a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia. Por último, na perversão, aparecem o sadismo, o masoquismo e o fetichismo. A paranoia estaria, portanto, ligada à segunda categoria — a psicose — na qual o sujeito rompe radicalmente sua relação com a realidade.

⁵ É importante mencionar que tanto para Freud como para Lacan, essas estruturas não podem ser consideradas doenças, mas sim, um modo de se estar na linguagem. Em suma, uma maneira de se fazer sujeito na linguagem com o outro.

Assim, enquanto na neurose o sujeito nega simbolicamente um desejo, recalando-o internamente para que ele retorne como sintoma, no caso da paranoia o sujeito nega a própria realidade externa, por não conseguir admiti-la. Nesse sentido, nas palavras de Freud (1895) “A paranoia tem, portanto, o propósito de se defender de uma representação intolerável para o EU, projetando seu conteúdo para o mundo exterior” (Freud, 1895, p. 15) assim, o aspecto mais importante de se entender a paranoia é a formação no individuo de um delírio que pode ser de perseguição, ou seja, o sujeito paranoico acredita firmemente que existem pessoas, instituições, complôs, movimentos, que querem sua destruição. Também existe a paranoia do tipo megalomaníaco, onde ele acredita fazer parte de um grupo ou movimento grandioso que vai salvar todos de um mal que precisa ser destruído. Nesse sentido, enxergamos certas semelhanças desse tipo clínico com os apoiadores de Jair Bolsonaro. Porém, classificá-los todos como paranoicos seria simplificar demais, mas em nosso entendimento existem sim mecanismos e fatores que contribuem para tal relação que aqui propomos. Mas como se articula na prática essa categoria? Podemos utilizar como exemplo o medo de uma suposta revolução comunista.

Historicamente, esse medo, pari passu com ódio, vem sendo atualizado e reafirmado com frequência pelas direitas nacionais, que segundo o historiador Odilon Caldeira Neto (2019) serve para manter as massas mobilizadas e em constante vigilância, visto que, na paranoia bolsonarista os comunistas nunca descansam. Esse temor por uma revolução comunista, ao meu ver, pode ser considerado uma paranoia, pois, em nossa história nem durante a guerra fria o Brasil esteve perto de uma mudança drástica no seu sistema econômico, político e social, como alega a maioria dos historiadores. Em seu livro, “em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil”, o historiador Rodrigo de Patto Sá Motta enfatiza que desde os anos 1920 o anticomunismo vem sendo utilizado para justificar golpes e rupturas institucionais. E em nosso entendimento, o sucesso desse discurso deve-se ao fato de parte da sociedade sofrer desse tipo clínico que citamos anteriormente. O neurótico bolsonarista, imerso em sua rede de sociabilidade e desinformação se alimenta de realidades inventadas, que serve para manter o grupo unido e mobilizado. Mesmo que, quando confrontado com a realidade dos fatos não conseguem admitir por exemplo que as talis 72 horas nunca chegaram e que o “9 dedos” subiu a rampa do planalto.⁶ Um caso

⁶ Na minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, adentrei em alguns grupos de telegrama bolsonaristas, e nesses grupos a certeza que o Presidente eleito em 2022 não assumiria era quase que total. A realidade dos fatos mostrou o contrário, mesmo assim, o grupo segue mobilizado e unido em torno dessas fabricações de realidades paralelas.

clássico do EU (ego) não suportando a realidade que se apresenta e criando assim um mundo próprio e paralelo para satisfazer suas fantasias e desejos golpistas.

Nesse sentido, a psicanalise e a teoria freudiana nos ajudam a compreender por que as massas tenderam não ao comunismo e à revolução, - como previam Karl Marx e Engels-, mas justamente ao seu oposto e antagonista: o fascismo. Estudos como do psicanalista Wilhelm Reich (1933) nos ajudam a entender que com a crise do capitalismo nos anos 1920 e 1930, as massas se articularam com o fascismo e não com a revolução comunista. Assim, a uma espécie de clivagem, onde a grande maioria dos trabalhadores escolheram os fascistas para lhe representarem, foi assim na Itália nos anos 1920 e na Alemanha em 1933. Se para os revolucionários de esquerda quanto pior fosse a situação econômica e social do trabalhador, mas fácil seria ele aderir a revolução, os fascistas também entenderam essa máxima, e junto com o discurso moral, conseguiram apoio das massas trabalhadoras de quase toda Europa.

Nesse sentido, Reich (1933) esclarece a importância de determinadas estruturas para a constituição do fascismo, que seria a igreja e sobretudo a família. Ele percebeu que essas categorias se parecem com funcionamento do estado. Assim, a energia libidinal das massas, que desde de cedo foram acostumadas a respeitar e a ansiar por uma figura de autoridade, canaliza toda essa energia para o líder, que representa, em última estancia, seus valores e seu modo de ver o mundo que foi recalado pelo processo civilizatório. Ou seja, compreender o fascismo apenas por condições econômicas não é suficiente, as causas psicológicas das massas que foram atraídas para o fascismo contribuem bastante para essa relação que aqui propomos, que é entender a direita nacional sob o prisma histórico, econômico e por que não psicológico.

A ambiguidade do mundo moderno

A modernidade é marcada pelo que o filósofo Bauman (1989) chamou de “mundo líquido”. Ou seja, uma característica da contemporaneidade seria justamente a perda da capacidade de construir relações de afeto sólidas e duradouras. Em certa medida, perdemos a habilidade de demonstrar afeto, amor e generosidade com o outro. Torna-se fácil compreender, portanto, por que programas políticos que disseminam ódio, raiva e preconceito em relação ao diferente encontram terreno fértil para se expandir nos mais variados países e nas distintas realidades políticas, sociais e culturais.

Mas o moderno também é investido de contradição, ambiguidades e ambivalências como bem destacou Bauman (1989), pois foi justamente com ela (modernidade) que obtivemos ganhos tecnológicos e humanitários ao decorrer da segunda metade do século XX.

Ao passo que, a ciência de maneira geral, melhorou substancialmente a vida dos indivíduos. Mas a ambiguidade aparece na medida que esses avanços possibilitaram as duas Guerras do século passado e o extermínio de um povo, no Holocausto. Ainda segundo o autor, a Shoá só teria sido possível justamente pelos avanços tecnólogos e de procedimentos frutos do mundo moderno (Bauman, 1989). Nesse sentido, temos muitos motivos para com que se preocupar, pois foi a própria civilização moderna que ofereceu os mecanismos e fatores para que o holocausto fosse possível.

A interpretação da crise desse sistema moderno que faz o filósofo Lyortard (1979) me parece adequado, pois ele indica que uma crise de valores, sonhos, utopias e das grandes metas narrativas (Socialismo, Comunismo, Liberalismo) vem se aprofundando do final do século passado até os dias atuais. Na nossa leitura, amparado por essa interpretação, os projetos de extrema direita só conseguem espaço em nossa realidade pelo fato de ocuparem o vácuo deixados por esses grandes projetos de futuro, que tínhamos no século passado, mas que entraram em crise e descredito perante a sociedade. Essa crise, somada com o dilaceramento dos estados de bem-estar social foram sem dúvida decisivos para o sucesso eleitoral da ultradireita. (Adilson Filho, 2021).

Além disso, segundo (Freud, 1930) existe um mal-estar em nossa contemporaneidade, pois a sociedade percebeu que seus desejos, suas vontades, suas fantasias, nunca estarão saciadas por completo em nosso mundo moderno. Sendo a causa também proveniente de nossas repressões sexuais e do processo de recalque desses desejos inconscientes, que remetem ao processo edipiano e que não conseguimos elaborar adequadamente. A civilização nasceria, portanto, sob o signo desse mal-estar e das repressões sexuais. Essa “descoberta” de que não podemos ser felizes o tempo todo e de que não podemos desejar certos objetos produz angústia no indivíduo, tornando-se a fonte do mal-estar em nossos tempos. Bauman (1989), apoiando-se em Freud (1930), ainda ressalta que trocamos um pouco de felicidade por uma imensa sensação de segurança.

O que parece, contudo, é que essa angústia e o consequente sofrimento que acompanham essa dinâmica na modernidade acabaram gerando mais dor do que propriamente uma cura para nossos desejos não realizados. Esse quadro é ainda mais agravado pela lógica neoliberal, em que somos compelidos a consumir, produzir e ser felizes o tempo todo, o que causa ainda mais insatisfação, como nos lembra Dunker (2015). É nesse cenário de insatisfações econômicas, sociais e psíquicas que o espectro do fascismo voltou a rondar o mundo. E, parafraseando Freud (1919), se o infamiliar (*Das Unheimliche*) é aquilo que deveria permanecer oculto, no Brasil do século XXI, infelizmente, ele veio à tona, trazendo

profundas regressões psíquicas à nossa sociedade. Trata-se de uma espécie de “passado que não passa”, que insiste em retornar com novas roupagens, signos e códigos, mas preservando semelhanças e continuidades oriundas da nossa própria cultura autoritária e golpista.

É nesse mundo moderno, repleto de contradições, que lideranças da extrema direita se movimentam no sentido de explorar a angustia que esse mal-estar produziu. Agendas contra o racismo e o combate a preconceitos contra grupos historicamente marginalizados e estigmatizados são percebidos como uma afronta contra a família dita tradicional e o “cidadão de bem” e portanto deve ser eliminado, simbolicamente e em alguns casos fisicamente. Esse discurso de cunho moralista que permeia grande parte do projeto de país que pensa a extrema direita, é sobretudo utilizado no Brasil, com o objetivo de destruir a esquerda ou a grupos que se identifiquem com essa ala mais progressista. Falaremos mais sobre o caso brasileiro no próximo tópico, onde evidenciaremos as raízes históricas do que chamamos de bolsonarismo. Faremos portanto, uma viagem pela história do Brasil no século XX, realçando o caráter autoritário, golpista e excludente que segue fazendo parte da vida política desse país chamado Brasil.

A herança do golpismo no Brasil

Desde da redemocratização, em 1989, o Brasil nunca esteve em um cenário de tanta instabilidade política como nos dias atuais. Sobretudo a partir de 2013, com as chamadas jornadas de junho⁷, onde algo em nosso tecido social se alterou profundamente e que são objetos de estudos de sociólogos, jornalistas e historiadores do tempo presente. A aliança de uma frente ampla que foi as ruas nos anos 1980 pedindo a volta da democracia e o voto direto para Presidente da República que ia de políticos como expoentes do PMDB- Partido do Movimento Democrático Brasileiro: Mario Covas, Tancredo Neves, Fernando Henrique Cardoso, para lideranças de cunho mais social e de esquerda como: Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva parece ter chegado a seu fim com o encerramento da polarização PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira – PT- Partido dos Trabalhadores -que fez parte da política nacional de 1994 até as eleições de 2018.

Durante esses mais de 20 anos, esses dois partidos se reversaram no poder. O PSDB marcado por uma política social democrata, de centro direita e com um discurso que era

⁷ Evento que marca um ponto de inflexão em nossa história recente. Manifestações em todo Brasil são convocadas com o intuito de lutar contra o aumento das tarifas de ônibus em São Paulo. Mas logo, grupos de extrema direita tomaram para si a organização dos atos e a crítica ao governo e a um suposto combate contra a corrupção foi ganhando forma nos anos seguintes. Sendo uma espécie de ovo da serpente para o fascismo que se aproximava.

pautado pela abertura da economia brasileira e traçado em uma cultura liberal que vinha de uma tradição histórica de partidos como o PFL e em outros tempos da tradição golpista da UDN. Já o PT, figurava com demandas mais à esquerda, como a inclusão do mais pobre nas universidades e a criação de programas sociais que visavam diminuir a desigualdade no país. Mas esse modelo de oposição, parece não ter agradado as alas mais reacionárias da nossa elite política e econômica, que procuravam um partido ou um líder mais radical que se opusesse ao projeto de poder do Partidos dos Trabalhadores. Fico imaginando se esses agentes sabiam as forças obscuras que trariam para a realidade política brasileira, funcionando como uma espécie de porteiros para o fascismo, sendo o Movimento Brasil Livre⁸ o pioneiro dessa radicalização e negação da política.

Após as eleições de 2014, com mais uma vitória do Partido dos Trabalhadores (a quarta consecutiva), as forças políticas e as elites econômicas, com a ajuda de banqueiros, parte da imprensa, do chamado judiciarismo e até de agentes externos (como o FBI), começaram a articular medidas para inviabilizar o segundo mandato de Dilma Rousseff, como aponta Christian Lynch (2022). Essas forças se organizavam de modo a culminar no golpe parlamentar de abril de 2016, justificado pelo baixo nível de popularidade do governo e pela suposta incapacidade política da presidente — mas sem qualquer crime de responsabilidade que pudesse sustentar juridicamente o processo de impeachment.

Ou seja, retiraram do poder uma governante eleita pelo voto popular para implementar suas próprias demandas e projetos políticos ultraliberais, os quais vinham sendo derrotados nas urnas desde o início do século XXI, como enfatiza Sousa (2022) em *Herança do golpe*. Sem votos — assim como no passado ocorria com a UDN — essas forças recorreram novamente ao golpismo para retornar ao poder, agora com alianças que ressuscitaram fantasmas do passado, como o autoritarismo da Ditadura Civil-Militar e a chamada “linha dura” do regime. Esta tinha como principal liderança Sylvio Frota e, como ajudante de gabinete, Augusto Heleno, que décadas mais tarde estaria envolvido em uma tentativa de golpe de Estado fracassada, diante da recusa dos ministros das Forças Armadas em aderir à aventura golpista.⁹

O golpe contra lideranças mais à esquerda não é algo que aconteceu pela primeira vez em 2016, mas existem outros exemplos na nossa história. Como são os casos de Getúlio

⁸ Um dos grupos pioneiros na organização de manifestações contra o governo Dilma. Tendo papel fundamental no golpe de 2016 e na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Ler; <<https://www.amazon.com.br/Porteiros-Fascismo-debate-contra-MBL-ebook/dp/B0CF2VW9SJ>>

⁹ Em 11 de setembro de 2025 o General Augusto Heleno foi condenado pelo Superior Tribunal Federal pelo crime de tentativa de Golpe de Estado e Abolição do Estado Democrático de Direito.

Vargas nos anos 1950 e posteriormente o de Joao Goulart em 1964, forças conspiracionistas que retiram do poder qualquer projeto político que vai contra seus privilégios econômicos e de classe que vem desde o império (Souza, 2024). E ainda podemos citar como exemplo a perseguição ao Presidente Lula que culminaria em sua prisão antes das eleições de 2018, pleito do qual era amplo favorito e liderava as pesquisas eleitorais, como nos lembra o historiador Adilson Filho (2020) Um de seus algozes, o juiz federal Sergio Moro, assumiria no novo governo o cargo de ministro da Segurança Pública, comprometendo no mínimo, a noção do julgamento imparcial que foi dado ao então Ex- Presidente.¹⁰

Mas para que chegássemos a esse Brasil que parte considerável da população apoia projetos políticos que são abertamente contra os direitos humanos e pregam um autoritarismo velado, devemos conhecer nossa história O nosso percurso pelo passado vai aos anos 1930, colher dele algumas pistas que podemos jogar luz sobre nosso presente. O historiador tem responsabilidades sobre tempo em que vive e deve prestar contas com a sociedade, militando sempre do lado da justiça e dos que são historicamente dissonantes da ordem vigente, assim falava Bloch (1949). Concordamos com o historiador francês.

O integralismo como modelo e o passado que vive no presente

O retorno ao passado é necessário na medida que nos dar os subsídios para a compreensão das demandas de nosso tempo. Todo historiador que se prese, deve ir ao passado para pode colher dele os rastros e restos que precisamos para compreender o presente. Como bem nos ensina historiadores da primeira geração nos *Annales*, rompendo com a tradição positivista e metódica que via o passado como algo imutável e estático. Nessa perspectiva, podemos retroagir aos anos 1930, onde o mundo vivia em constante mudança e movimentos políticos de cunho militar e nacionalista chegavam ao poder na Europa. Foi o caso da Itália de Mussolini em 1922 e da Alemanha de Hitler em 1933. Essas transformações políticas, econômicas e sociais que se aprofundaram após a crise de 1929 chegaria ao Brasil. Com camisas verdes e calças pretas produziríamos a nossa própria leitura dessas novas ideologias, baseadas em uma ideia de Estado forte e centralizador. Assim, nos anos 1930 surgiria a chamada Ação Integralista Brasileira (AIB), sob a rege e liderança do paulistano, intelectual e romancista Plinio Salgado, estaria posto a nossa primeira representação e até hoje maior delas, de movimento fascista da nossa história, no qual, em nossa leitura, ainda consegue exercer influência com seus ritos e códigos a extrema direita atual.

¹⁰ Ver a notícia: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541081900_911802.html>

A Ação Integralista Brasileira (AIB) pode ser considerado um ponto de inflexão da nossa história. Pois, em nossa leitura, foi o primeiro grande movimento de massa do Brasil. Nem mesmo o auge do partido comunista – o famoso Partidão – nos 1920 com as revoltas tenentistas tiveram tanto apelo perante a sociedade. Segundo Odilon Neto (2020) o partido conseguiu representação e filiados em todos os Estados da união. Muitos historiadores porém, desconfiam de tais números, pois seriam dados exagerados pelos líderes do movimento, para parecerem maior do que realmente eram. Porém, o caso concreto é que o movimento tornou-se importante e figurava com certa influência no debate político da época. Isso não se pode negar. Inclusive rivalizando e polarizando o debate com o Partido Comunista antes dos “expurgos” getulistas, que ambos movimentos sentiram na pele com a implementação da ditadura do Estado Novo. Ainda em relação a popularidade do grupo, as palavras de Neto são bem enfáticas “A AIB alcançou uma visibilidade até então não vista no Brasil, tanto é que pode ser considerado o movimento fascista com maior sucesso na América Latina” (Neto, 2020, p. 15).

Hélgio Trindade (1974), um dos autores clássicos quando se estuda sobre o Integralismo, nos traz algumas reflexões importantes. Como por exemplo a enorme inspiração que teve as suas principais lideranças nos movimentos fascistas da Europa. Tentando importar para o Brasil os rituais de “endeusamento” ao líder e a caça a movimentos comunistas, a inspiração maior seria, portanto, o fascismo italiano. A centralização do poder, o militarismo e o nacionalismo seriam outros traços que o integralismo convergia diretamente com o fascismo de Mussolini, somados a isso a tentativa de criar milícias armadas e violentas para defender suas ideias.

Podemos citar três personagens que foram de suma importância para o movimento, cada um à sua maneira. A começar por Plínio Salgado, principal figura do movimento. Intelectual, tendo participado inclusive da Semana de Arte Moderna em São Paulo em 1922. Principal nome do movimento, onde sua liderança era incontestável e um ser admirado pelos outros membros. Incorporava a figura do líder carismático que tinha como destino salvar a nação e transformar o Brasil em uma grande potência. Foi no encontro que teve com o líder fascista italiano, Benito Mussolini em 1930 que o líder da AIB se impressionou com a organização do Estado fascista. Veio com a mente de importar o que viu na Europa, porém, com o toque brasileiro e respeitando nossas particularidades. Mas o centralismo e a ideia de um Duce que controlasse com pulso forte a nação lhe agradava profundamente e faria parte da ideologia integralista até sua dissolução com o golpe perpetrado por Getúlio Vargas em 1937.

Outro que merece destaque é o cearense Gustavo Barroso (1888-1956), figura importante nos centros intelectuais da época. Jornalista, professor, historiador e escritor dava as bases teóricas e racistas ao movimento. Antissemita, inclusive tendo editado uma edição do *os protocolos dos sábios de Sião*¹¹ era responsável pela parte mais teórica do grupo. Percebemos nessa face do movimento as ligações e semelhanças com o Nazismo. Mesmo que não agradasse Plínio esse segmento do grupo, pois o líder integralista gostava sempre de enfatizar que o movimento não era racista. Embates entre Plínio e Barroso eram corriqueiros, mas sem força para uma cisão. E por último, o outro nome que aparece nesse quadro de pessoas influentes que participaram desses primeiros passos da AIB foi o jurista Miguel Reale (1910-2006). Esse foi dos três o menos engajado, saindo do movimento algum tempo depois. Mas como grande jurista, ficava responsável por pensar formas jurídicas para legitimar o movimento e pensar talvez em uma constituição do governo integral. Mas os três foram os responsáveis por fazer uma leitura brasileira dos autoritarismos que se espalhavam pelo mundo. Claro que a maneira brasileira, levando em conta as nossas contradições e a nossa cultura. O movimento ainda era organizado com os chamados câmera dos 40 que dava suporte ao líder a tomar decisões de organização política. (Neto, 2020)

Mas o que de fato pensava os integralistas? Que visão de mundo tinham? Quais foram seus limites? A visão de mundo dos integralistas era baseada em um forte apelo nacionalista e as raízes nacionais. Fruto das tradições dos chamados modernistas que pensavam o Brasil sob o prisma de um forte nacionalismo e de apelo a um passado que era mais rico em valores, tradições e superior moralmente. O resgate a esse passado utópico fazia parte também da ideologia integralista. Ou seja, uma visão reacionária do mundo. Além de signos e símbolos que representavam os povos indígenas. Nesse sentido, a famosa saudação integralista “Anauê” colabora com essa tese de forte influência dos povos nativos em percepções ideológicas e de projeto de país do movimento, como afirma Pedro Dória (2020). Confirmado essa tese sobre a AIB e o papel importante que o indígena tinha na ideologia do partido, citamos o próprio Plínio Salgado se referindo as bases teóricas no qual ele entendia que o Brasil poderia se unificar e não ser mais um país divido, onde os interesses de poucos se sobressai em detrimento de muitos. Assim falava o líder integralista, na obra de Pedro Doria:

O Brasil terá uma missão a cumprir. Para isso, é preciso que não alimentemos preconceitos de raças. Só a um denominador comum ético: o índio, que influiu de certa na fixação do ariano, marcou a denominação

¹¹ É um texto antissemita provavelmente do ano de 1898 que descreve um suposto complô judaico para comandar o mundo. Sua edição editada e comentada por Barroso deixa claro o caráter antissemita dessa ala do movimento e sua aproximação com o nazismo.

geográfica do continente como um sinal indelével de presença. É o que poderemos chamar de o meio étnico. A força da terra. Politicamente, uma vez que damos a primazia a uma raça desaparecida isso significaria que absoluta é a posição de igualdade de todas as outras. Tudo que não vier das verdades essências da terra e da raça será a repetição do insistente imitacionismo que nos deu no Império um parlamento britânico e, na República, uma federação norte-americana (Doria, 2020, p. 109).

Percebe-se que o integralismo tentava ser uma alternativa ao outro grande projeto de país que existia no Brasil a época, o modelo inspirado por Karl Marx. Além de ser um movimento de massa a AIB se transformou em uma maneira de ser. Seus apoiadores vinham no grupo e no líder mais que um mero movimento, mas algo que extrapolava o âmbito político e público e adentrava na vida privada das pessoas. Em festas de casamentos, jantares, aniversários, velórios e sepultamentos de membros, tudo tinha que ter o simbolismo e os rituais do homem dito como integralista. A vida passava a ser ritualizada aos moldes dos fascistas europeus. Havia portanto, um *Ethos* integralista naqueles anos 30 do século passado. Tais rituais entravam na vida dos indivíduos e eram formulados com repetições diárias, fazendo-se presentes tais rituais e simbolismos todos os dias da vida do homem integralista. (Neto, 2020) Marchas e caminhadas dos chamados camisas verdes, viraram normais em medianas e grandes cidades. A demonstração de força que essas caminhadas tinham como objetivo demonstrar, eram imprescindíveis para que o movimento se tornasse ainda mais popular e saísse de uma casta de poucos intelectuais ligados a elite econômica e adentrasse nas massas de trabalhadores e operários, estes, desiludidos com o comunismo.

À medida que a AIB crescia e se tornava uma alternativa viável para as elites que não confiavam em Getúlio Vargas para comandar a nação, o presidente — que já havia demonstrado seu lado opressor e violento contra os membros do PCB, na frustrada tentativa de golpe conhecida como “Intentona Comunista”, e reprimido severamente os líderes do levante constitucionalista de São Paulo em 1932 — agora voltava sua atenção para o integralismo, percebido como uma ameaça real aos valores da Revolução de Outubro de 1930. É nesse cenário que entra o chamado plano Cohen. Para falar com os termos atuais pode ser considerado a nossa primeira *fake news*. O Plano foi elaborado pelo capitão Olímpio Mourão Filho e carregava a farsa que comunistas articulados e treinados por Moscou possuíam a cartilha e as táticas para um golpe comunista no Brasil. A mentira era muito clara, pois desde dos anos 1932 a ala mais à esquerda já tinha sido totalmente desarticulada por Getúlio. Sua figura mais eminente, Luís Carlos Prestes, estava no exílio, mas o plano de emplacar medo na população serviu e Vargas amparado pelo documento colocou fim as liberdades democráticas que ainda restavam no Brasil e proibiu a criação de grupos, movimentos ou partidos políticos

em todo território nacional, o que recaiu sobre a AIB. Foi o pretexto que Getúlio Vargas tanto buscava para implementar um sistema ditatorial no Brasil. Veio o golpe do Estado Novo em 1937.

Oficialmente e de maneira institucional, a AIB chegou ao fim. No entanto, em termos de alcance ideológico, o movimento ainda teria vida longa no cenário político brasileiro, ressoando suas ideias e valores por muitos anos em nossa história. O medo do comunismo, como elemento de mobilização das massas, foi constantemente utilizado ao longo do tempo — exemplo disso é o Regime Militar instaurado em 1964, como bem aponta Rodrigo Patto Sá Motta (2001) em “Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)”. Jesse Souza (2024) também destaca que tais prerrogativas para a tomada do poder reaparecem repetidamente em nossa trajetória histórica, sobretudo quando lideranças populares e progressistas ensaiam mudanças econômicas e sociais em um país marcado por uma “elite do atraso”, que demonstra claras dificuldades em aceitar transformações.

Nesse sentido, não podemos deixar de citar algumas semelhanças entre o movimento idealizado por Plínio e o que hoje chamamos de bolsonarismo. O próprio lema: “Deus, pátria e família” demonstra certa paridade e harmonia entre os dois grupos. Outro ponto onde convergem segundo Odilon Caldeira Neto (2020), seria o alcance ideológico que se deu praticamente ao mesmo público: uma classe média conservadora e retrograda, contraria a qualquer mudança, transformação ou avanço social. O anticomunismo ferrenho, o nacionalismo exacerbado e a militarização da vida cotidiana colaboram ainda mais para que essas semelhanças fiquem mais evidentes.

Ao que tudo indica, não conseguimos realizar aquilo que a psicanálise e Theodor Adorno (1995) chamam de elaboração do trauma. Esse passado traumático retorna constantemente, trazendo consigo sofrimento e angústia. Nossa dever, enquanto sociedade, seria justamente elaborar esse passado, para que ele não se repita. Como afirma Fernandes:

“Em outras palavras, trata-se de perscrutar as lacunas e os esquecimentos, tecendo-os com o fio da recordação, de modo a superar as resistências da repressão que fazem com que o indivíduo repita o trauma vivido infinita e inconscientemente” (Fernandes, 2022, p. 94).

Portanto, a elaboração desse passado torna-se essencial para que possamos superar programas políticos e movimentos que, no passado e no presente, buscam incessantemente destruir os valores democráticos e o Estado de Direito.

Um presente repleto de passado

A historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (2019) enfatiza que, no Brasil, sofremos de um presente repleto de passado. Nesse sentido, também podemos mencionar os estudos de Rodrigo Patto Sá Motta (2021), no livro *Passados Presentes: O golpe de 1964 e a Ditadura Militar*. Ambos ressaltam os traumas da nossa história que continuam a ressoar em nosso presente. Mas o que isso significa? Quando vemos, nas ruas, manifestações que pedem a volta do regime militar e do AI-5; quando essas mesmas pessoas exigem o fechamento do Congresso e da Suprema Corte; quando o golpismo orienta as diretrizes do governo anterior; e quando os militares retornam à cena política — são justamente esses os momentos em que o passado autoritário, golpista e ditatorial da nossa história se entrelaça com o nosso tempo.

Devemos lembrar que a democracia, em nosso país, não é a regra, mas a exceção. Sua consolidação depende de buscarmos compreender por que esse passado insiste em não passar. Precisamos realizar aquilo que o filósofo Theodor Adorno (1995) chamou de elaboração do passado traumático, para que ele não se repita. Esse processo de elaboração começa com a revisitação da nossa história e, em certa medida, com o reconhecimento das nossas próprias contradições enquanto nação.

Mesmo com a Constituição de 1988 — a mais avançada do ponto de vista social e de direitos que já tivemos — ainda não conseguimos, de fato, construir um país em que os valores democráticos sejam defendidos pela maioria da população. Basta observar o que ocorreu em 8 de janeiro de 2023, quando uma parcela significativa da sociedade não aceitou os resultados das urnas e partiu para a ruptura institucional. No Brasil, não existe uma cultura democrática consolidada. O que há, como lembra Odilon Caldeira Neto (2022), é uma cultura antidemocrática e autoritária. Todavia, é inegável que, no período em que alcançamos avanços civilizatórios concretos e enfrentamos a desigualdade social, experimentamos um vislumbre de democracia consolidada — ainda que fosse uma democracia dita burguesa. Esse período de avanços pode ser delimitado entre 2003 e 2014. A partir daí, nosso país mergulhou em uma grave crise econômica e de representação, trazendo de volta alguns fantasmas do passado.

Ao que tudo indica, o modelo de conciliação entre o governo do PT e os verdadeiros “Donos do poder” no Brasil: banqueiros; elites econômicas e as elites políticas, chegou ao fim quando a então presidente Dilma tomou duas decisões que seriam decisivas para o futuro de seu governo e da própria democracia. Quando primeiro, a presidente recém empossada muda algumas diretrizes econômicas que historicamente beneficiava as grandes corporações de

bancos. Como a diminuição da taxa de juros e o forte discurso que Dilma em rede nacional conclamou contra esses agentes, que sempre lucraram com o endividamento do mais pobre.¹²

O outro momento crucial para que chegássemos nesse “Brasil em tempos sombrios”, foi em 2011 a instalação da Comissão Nacional da Verdade, que tinha como objetivo relatar, demonstrar, escancarar os crimes e as violações de direitos humanos durante as duas ditaduras do século passado. Mas com ênfase nos crimes ocorridos na Ditadura Civil Militar de 1964. Mesmo não tendo o poder de punir torturadores, o projeto conseguiu avanços importantes, sobretudo o de respeitar as memórias dos familiares que foram vítimas das arbitrariedades do regime. Se transformando, para falar com Pierre Nora (1993), em um lugar de memória para as vítimas e a seus familiares. Pois para Nora, esses lugares, que não precisam ser exclusivamente físicos, mas também símbolos, datas, leis, decretos, que de alguma maneira preserve o passado e possa evitar o esquecimento a determinado evento, como em nosso caso os crimes cometidos durante a Ditadura Militar de 1964. Era o estado brasileiro assumindo que torturou e matou políticos, professores, estudantes e civis, em nome de uma suposta revolução militar que teria salvo o Brasil do comunismo.

Segundo o historiador e pesquisador Lucas Pedretti, a insatisfação da ala militar com a presidente aumentou consideravelmente quando ela fez aquilo que o historiador Peter Burke (1997) sinaliza como uma das funções primordiais do historiador: que é lembrar a sociedade aquilo que ela quer esquecer. Ainda segundo Lucas, em reportagem para o jornal Forum:

Villas Bôas deixa muito claro que ali foi um ponto de inflexão na relação das Forças Armadas com o Partido dos Trabalhadores e com a presidente Dilma Rousseff. Ou seja, mesmo aquele órgão tão limitado foi capaz de gerar tamanha insatisfação no exército que levou os militares brasileiros a tomarem a decisão de retomar a sua histórica tradição de intervir no mundo político (Lucas, 2021).

Se por um lado, o governo rompia com os acordos com as elites políticas e econômicas, por outro, traria de volta para a cena política os militares. Esses, ancorados na errônea interpretação do artigo 142 da nossa CF- Constituição Federal, juram ser responsáveis por manter a ordem em nosso país. A partir de 2016 viveríamos em uma espécie de “museu de grandes novidades”, onde o medo das chamadas quarteladas, voltariam a nos assombrar. Se antes, o golpe começava com conspiração contra quem estava no poder, com tanques na

12 Ver: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/04/13/brasil-precisa-de-juros-nos-padroes-internacionais.htm>>

rua, com fechamento do congresso, agora ele pode começar em um *Twitter* nas redes sociais.¹³

A chamada direita tradicional (PSDB) perderia espaço para um extremismo antidemocrático e golpista, que viu na figura de um capitão reformado a oportunidade de retornar ao poder. Mas, diferentemente de outrora, isso ocorreu, por mais paradoxal que pareça, pelas vias democráticas. Como vimos ao longo do texto, nossas raízes extremistas e autoritárias — ora representadas pelos integralistas, ora por militares, ora por forças partidárias golpistas — encontraram no bolsonarismo as condições e possibilidades para que esse passado nunca seja totalmente superado e, fatalmente, retorne com mais força, mecanismos e estratégias para corroer a democracia. Existe um ditado argentino que diz: “quem já se queimou com leite, ver uma vaca e chora” se pudéssemos refazê-lo, diríamos: “quem já se queimou com golpe, ver um tanque e chora”.

Considerações finais

Nossa reflexão teve como objetivo, a partir do diálogo com a história e com a psicanálise, demonstrar como o nosso passado se relaciona profundamente com as demandas do presente. O fantasma do golpismo, do autoritarismo e da ruptura institucional volta, de tempos em tempos, a assombrar o país. Quando não há uma democracia consolidada, atos como os de 08 de janeiro de 2023 podem, infelizmente, se repetir — e, dessa vez, virem acompanhados de um golpe de Estado. Daí a importância de punir aqueles que conspiraram contra a democracia.

O bolsonarismo pode ser compreendido como o próprio retorno do recalcado. Desejos, fantasias, afetos e vontades que estavam reprimidos na população foram trazidos à tona pelo extremismo de direita. Aquilo que antes pertencia à ordem do indizível passou, com Bolsonaro, a ser dito — e mais do que isso, legitimado sob a classificação de “liberdade de expressão”, um eufemismo para a disseminação do ódio e dos mais diversos preconceitos. O retorno desse recalcado no Brasil reavivou, agora com mais força, discursos e práticas de intolerância contra minorias e grupos estigmatizados. A extrema direita saiu do armário.

Portanto, o bolsonarismo é produto de um passado traumático que não elaboramos adequadamente e que retorna sob outros signos e símbolos, mas ainda carregando semelhanças, permanências e continuidades dos tempos de outrora. A superação definitiva

13 Nos referimos ao *Twitter* do então comandante das forças armadas general Vilas Boas em 2018, quando em tom de ameaça exigiu nas redes sociais que o Superior Tribunal Federal referendasse a prisão em segunda estância. No qual, na ocasião, era o julgamento que legitimava a prisão de Lula.

desse passado angustiante, que insiste em não passar, depende fundamentalmente de sermos capazes de conhecer nossa própria história e suas contradições, defendendo sempre a democracia e o Estado de Direito. Precisamos, de tempos em tempos, ir ao divã, para que o espectro do golpe e do neofascismo não volte a nos assombrar.

Referências bibliográficas

- ADILSON FILHO, José. **O Brasil em tempos sombrios**. São Paulo: Liber Ars, 2020.
- ADILSON FILHO, José. O Fantasma do bolsonarismo e a pobreza das experiências. In: SILVA, J Jaison Pereira da; FILHO, José Adilson (org). **Passagens e Fronteiras**. Campina Grande: Eduepb, 2023.
- ADORNO, Theodor W. Educação após auschwitz. **Educação e emancipação**, v. 3, p. 119-138, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Zahar, 1998.
- DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições (leia também O mago do Kremlin). Vestígio Editora, 2019.
- DE CASTRO ROCHA, João Cezar. **Bolsonarismo**: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. Autêntica Editora, 2023.
- DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira**: como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. Planeta Estratégia, 2020.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. Boitempo editorial, 2015.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Companhia das Letras, 2021.
- FERNANDES, Rafaela Alves. Theodor W. Adorno e a elaboração do passado na sociedade ad-ministrada. **Rapsódia**, n. 17, p. 93-112, 2023.
- FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Autêntica, 2016.
- FREUD, Sigmund. **O infamiliar [Das Unheimliche]–Edição comemorativa bilíngue (1919-2019)**: Seguido de O homem da areia de ETA Hoffmann. Autêntica, 2019.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. LeBooks Editora, 2019.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **Fascismo em Camisas Verdes**: Do integralismo ao neointegralismo. Editora FGV, 2020.
- LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. Editora Contracorrente, 2022.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes**: o golpe de 1964 e a ditadura militar. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

- NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. Editora Contexto, 2015.
- NETO, Odilon Caldeira. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.
- REICH, W. Psicologia de massas do fascismo (JS Dias, Trad. a partir da tradução francesa). **Porto: Escorpião**. (Obra original publicada em 1933), 1974.
- NORA, Pierre *et al.* Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.
- SCHWARCZ, LiliaMoritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOUZA, Jessé. **A herança do golpe**. Civilização Brasileira, 2022.
- SOUZA, Jessé. **O pobre de direita**: A vingança dos bastardos. Civilização Brasileira, 2024.
- TRINDADE, Hélio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 1974.
- VEIGA, José J. **Sombras de reis barbudos**. Editora Companhia das Letras, 2015.

Submetido em: 16 maio 2025

Aceito em: 22 set. 2025